

# PRÁTICA E COMBATE AO BULLYING EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO

## PRACTICES AND COMBATING BULLYING IN PUBLIC HIGH SCHOOLS

Juliana de Fátima Malafatti\*  
Humberto José Lourenção\*\*

### RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar como os alunos de duas escolas públicas de ensino médio compreendem as práticas de *bullying*, bem como, verificar quais estratégias a equipe escolar tem encontrado para lidar com a questão. A importância dessa pesquisa decorre do fato de que o *bullying* traz graves danos psicológicos às suas vítimas e espectadores e é fundamental essa discussão nos cursos de formação de professores e nas práticas do cotidiano escolar. A metodologia empregada foi: pesquisa bibliográfica, tratando do conceito do *bullying* e de suas principais características; e pesquisa de campo. Como técnica de coleta de dados utilizou-se dois questionários, um para os alunos e outro para a equipe docente, participaram da pesquisa 182 alunos e 6 professores. Os resultados apontam que o Bullying está fortemente presente nas escolas, entretanto, tem sido pouco trabalhado pela equipe docente.

**Palavras-chave:** Bullying. Agressão. Violência. Intervenção Docente.

### ABSTRACT

This work results from a survey that its goal was investigate how the students from two public schools understand the practices of *bullying*, as well as, to check what strategies the school team has found to deal with the question. The importance of this survey stems from the fact that *bullying* brings serious psychological damages to its victims and audiences and this discussion is fundamental in the courses of teacher training and in the practices of school everyday. The methodology used was: bibliographic survey, dealing with the concept of *bullying* and its mainly characters; and field survey. Like techniques of data collection, was used two questionnaires, one to the students and the other one to the teachers team one hundred eighty students and six teachers participated in this survey. The results show that *bullying* is tightly present in schools, however, it was some worked by the teachers team.

**Keywords:** Bullying. Aggression. Violence. Teacher intervention.

---

\* Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE). [jumalafatti2@hotmail.com](mailto:jumalafatti2@hotmail.com)

\*\* Bacharel e licenciado em Filosofia (PUC/PR) e em Psicologia (UFPR); especialista em Filosofia da Educação (PUC/PR); MBA em Gestão pública (FAAP); mestrado em Ciência Política (Unicamp) e doutorado em Ciências Sociais (Unicamp); pós-doutorado em Psicologia (USP); professor associado da Academia da Força Aérea (AFA); pesquisador do arquivo "Ana Lagôa" de Política Militar (UFSCar) e Research Fellow at National Defense University (NDU). [humbrou@uol.com.br](mailto:humbrou@uol.com.br) / [lourencaohjl@aer.mil.br](mailto:lourencaohjl@aer.mil.br)

## Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar a ocorrência de *bullying* em duas escolas públicas de ensino médio do interior do estado de São Paulo. Buscou-se, assim, aferir como seus alunos vivenciam e interpretam esta ocorrência e, também, como a equipe docente tem lidado com a questão. Complementarmente buscou-se aferir o nível de conhecimento dos alunos e professores sobre o conceito e prática de *bullying*; quantificar e qualificar o envolvimento dos alunos na prática de *bullying* nos papéis de espectador passivo, espectador ativo, agressor e vítima; e identificar quais disciplinas a temática *bullying* é tratada pelos docentes.

O *bullying* ganhou notoriedade por ocasião da tragédia ocorrida nos Estados Unidos em 1999, quando, no colégio Columbine High School, em Denver, Colorado, dois estudantes, um de 18 e outro de 17 anos, assassinaram 12 estudantes, um professor e em seguida se suicidaram. A motivação para o massacre teria sido vingança pela exclusão escolar que os dois teriam sofrido durante muito tempo (LAMB, 2008). Algo semelhante aconteceu na cidade do Rio de Janeiro em 2011, quando um jovem invadiu uma escola e matou doze crianças. O assassino deixou uma carta justificando seu ato por ter sido vítima de *bullying* na infância (O GLOBO, 2011).

O termo *bullying* corresponde a um “conjunto de atitudes de violência física e psicológica, de caráter intencional e repetitivo praticado pelo agressor (*bully*) contra uma ou mais vítimas que não conseguem se defender” (MICHAELIS, 1993). Em geral, o termo qualifica comportamentos violentos no âmbito escolar, onde normalmente são observados (OLWEUS, 1993). Segundo Silva (2010), dentre esses comportamentos podemos destacar: agressões por um ou mais agressores contra alguns estudantes, os mais fortes utilizam os mais fracos como objetos de diversão, causando dor e sofrimento às vítimas que, por muitas vezes, não contam aos pais nem aos professores que estão sendo alvo de violência. Também ocorre da intimidação causada pelo agressor inibir qualquer atitude solidária ao agredido.

De acordo com Silva (2010), o *bullying* pode se manifestar na forma verbal: insultar, ofender, xingar, gozar, apelidar; e físico-material: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar, destruir pertences das vítimas, atirar objetos contra elas. Ele atua na esfera psicológico-moral: irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, chantagear, dominar, perseguir, difamar; e sexual: abusar, violentar, assediar,

insinuar. Ocorre que a violência escolar apresenta-se como um fenômeno multifacetado, imbricado em outras formas de violência, tais como física, psicológica e sexual (ARAÚJO et al., 2012).

Com o advento da internet surgiu um novo veículo de prática do *bullying*, denominado *ciberbullying*, que veicula os mesmos conteúdos do *bullying* presencial. O fato do *ciberbullying* ser facilmente propagado, ocorre um efeito multiplicador de sofrimento; além disso pelo fato do agressor poder ficar no anonimato, ele se poupa de qualquer constrangimento com essa prática (SILVA, 2010). As vítimas do *ciberbullying* podem ter suas contas de e-mail e em redes sociais invadidas e seus dados pessoais podem ser acessados por *bullies* e espalhados pela rede virtual na forma de chacota, difamação e ofensa.

Segundo Olweus (1993), o *bullying* pode gerar transtornos psíquicos, como ataque de pânico, crise de ansiedade, depressão, etc.; e/ou psicossomáticos em suas vítimas, tais como: dor de cabeça, insônia, dificuldade de concentração, alergias, tremores, náuseas, calafrios, entre outros. As vítimas de *bullying*, em geral, ficam amedrontadas e com baixa autoestima, podendo apresentar baixo desempenho escolar, déficit de concentração e aprendizagem.

Segundo Zuin e Antunes (2008), o *bullying* não é uma manifestação de violência sem qualquer fator determinante, pelo contrário, ele se baseia em fatores sociais e em preconceitos enraizados na cultura. Isto explica por que há maior incidência de *bullying*, por exemplo, contra negros e gays. De acordo com Adorno et al. (1969), o preconceito assimilado culturalmente traz características que se coadunam com a estrutura psíquica da pessoa que manifesta o preconceito.

O *bullying* pode ser identificado e combatido, para isso é necessário distinguir quem são os autores e vítimas desta prática. Um fator problemático é que, muitas vezes, essa violência é passada despercebida ao olhar da equipe escolar e/ou dos pais (ORPINAS; HORNE, 2006). As vítimas típicas são aqueles que possuem pouca habilidade de socialização, tímidas, que não conseguem reagir positivamente a comportamentos agressivos, ou que apresentam “alguma marca” que as diferencie das demais. Qualquer especificidade que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha de vítima do *bullying* (SILVA, 2010).

Três personagens estão envolvidos no contexto do *bullying*: agressores, vítimas e espectadores. Estes últimos são aqueles que veem essas agressões, e podem ter um papel ativo ou passivo. No primeiro caso, os espectadores podem apoiar moralmente os

agressores com risadas, por exemplo, ou apoiar as vítimas. No segundo caso, os espectadores não se manifestam, se omitindo, muitas vezes por medo de ser o próximo (SILVA, 2010).

Deve-se considerar que comportamentos agressivos são mais frequentes na adolescência devido às manifestações de aventuras, angústias, inquietações, paixões, busca pela identidade, próprias da idade. O adolescente encontra seu lugar no grupo onde se expressa, sendo mais suscetíveis a este grupo. Assim, é comum nesta faixa etária a apresentação de agressividade como forma de reação a uma situação difícil, ameaçadora. Trata-se de um período da vida que requer máxima atenção, pois aqui a presença do *bullying* pode resultar em homicídio ou suicídio (SILVA, 2010).

A escola tem papel fundamental no combate ao *bullying*, na medida em que o ambiente de relações entre professores, pais e alunos busca educar para a vida adulta, no sentido de aprender a ser tolerante, solidário, compartilhar, aprendendo a conviver com o outro e respeitando as diferenças. Conforme assinala Adorno (1971, 2003), a educação é um caminho para superação desse problema na medida em que se dirige para a produção de uma consciência verdadeira, em que ações possam ser, de fato, frutos da razão daqueles que, emancipados, tornam-se capazes de tomar as rédeas das esferas públicas e privadas de suas próprias vidas. Assim, a escola desempenha um papel importante na vida do indivíduo; é um local de aprendizado de convivência, onde o aluno começa a aprender viver em sociedade, trocar experiências, aprender a trabalhar em grupo e respeitar as diversidades. Promovendo a interação e a socialização entre seus alunos, a escola propicia o desenvolvimento de suas habilidades sociais.

A ação de combate e prevenção da escola deve conscientizar todos sobre o assunto, apoiar as vítimas, abordar o agressor sobre seus atos, garantir um ambiente seguro e sadio. Como forma de combate, o professor pode encorajar a vítima a contar o que está acontecendo para que o autor do *bullying* não tenha apoio do grupo. É fundamental que os professores e a escola não omitam uma cena de *bullying* e sim trabalhem sobre o conceito e suas consequências, estando atentos a pequenos sinais que esses alunos estejam emitindo. Particularmente a transição do ensino fundamental para o médio constitui um momento delicado para os alunos, inclusive pelas transformações físicas que irrompem em seus corpos (ECCLES; GOLDSTEIN; DAVIS-KEAN, 2005).

Para Bock (2004), a adolescência é considerada uma construção social associado ao desenvolvimento físico e afetivo, caracterizando-a como um processo de mudança de identidade e de aparência física e sexual. Ou seja, ocorre uma coexistência inseparável e

interdependente dos aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. Trata-se de um período da vida caracterizado por conflitos e tensões na reelaboração da identidade pessoal; modificações corporais e psíquicas; e mudanças na relação familiar e social (BEE, 2003).

Segundo Aberastury (1992), a adolescência é um período de conflitos, marcado por mudanças corporais e sócioemocionais. Aqui, um período de maior dificuldade em administrar estes conflitos pode gerar manifestações de violência, entre elas, de *bullying*. Fante (2005) destaca que o adolescente vítima de *bullying* é prejudicado em seu caminho para chegar à vida adulta, com tudo o que ela implica, principalmente a autonomia e a responsabilidade.

Enderle (1988), baseado nos estudos de Erik Erikson, destaca que a adolescência inclui um movimento de rebeldia, dado que a herança constitucional não é suficiente para o estabelecimento da identidade pessoal. Assim, ocorre a separação da identidade dos pais em favor da identidade com o grupo social, com o qual, agora, o adolescente estabelece fortes vínculos afetivos. Por este movimento, não é difícil avaliar o impacto colossal que o *bullying* exerce nesta faixa etária.

Contribuindo para a formação dos professores e como instrumento de apoio pedagógico na escola, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC), criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Dentre os temas abordados pelos PCNs (BRASIL, 1996), destacam-se os transversais, que envolvem questões de urgência social, entre elas a ética, a justiça e a igualdade social e a cidadania, oportunizando que os professores abordem conteúdos relacionados ao diálogo e pluralidade cultural, respeito mútuo e solidariedade.

Tanto vítimas quanto agressores necessitam de ajuda psicológica e apoio incondicional de todos os adultos envolvidos na situação, incluindo pais e professores. Algumas ações são necessárias para que possa ser evitada a prática do *bullying*, sendo a escola um local onde isso pode acontecer. O primeiro passo é admitir a existência do problema no ambiente escolar (BINSFELD; LISBOA, 2010).

Uma ONG já extinta chamada Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) realizou um amplo estudo no Rio de Janeiro sobre a ocorrência de *bullying* e o concluiu apresentando as seguintes recomendações para o combate do *bullying* nas escolas: dialogar com os alunos e escutar atentamente suas sugestões e reclamações; estimular os estudantes a contar os casos; reconhecer e valorizar as atitudes dos alunos em relação ao combate ao *bullying* dos próprios alunos;

criar juntamente com os estudantes regras de convivência e disciplina em coerência com o regimento escolar; interferir na dinâmica dos grupos, quebrando assim a cadeia do *bullying* (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003). Um estudo realizado sobre o assunto no sul do Brasil aponta para a importância de intervenções clínicas frente a este fenômeno, que tem aumentado sua incidência entre as crianças (BINSFELD; LISBOA, 2010).

De acordo com Lopes Neto (2005), o silêncio das vítimas só é rompido quando elas sentem que serão ouvidas, valorizadas. É necessário conscientizar os alunos que o *bullying* não deve ser tolerado e sim enfrentado. Todas as crianças e adolescentes tem, individual e coletivamente, uma prerrogativa humana de mudança, de transformação e de reconstrução, ainda que em situações muito adversas, podendo vir a protagonizar uma vida apoiada na paz, na segurança possível e na felicidade (LOPES NETO, 2005, p. 13).

Segundo Silva (2010), o primeiro passo para o combate do *bullying* é identificar vítima e agressor, e, trabalhar na recuperação de valores essenciais, e a vítima seja acolhida de forma que possa se expressar com confiança, tendo sua autoestima restabelecida. Já o agressor precisa ser conscientizado de que sua ação pode acarretar sérios prejuízos ao outro, e sua punição deve estar relacionada diretamente ao ato praticado. O atendimento psicológico e social deve ser oferecido a todos os envolvidos, pois o agressor muitas vezes utiliza o *bullying* como forma de se expressar. Os espectadores, por sua vez, precisam ter noção de que, ao assistir e ser conivente com o *bullying* está dando mais oportunidade para que aquela situação de agressão continue (ORPINAS; HORNE, 2006). Uma ótima alternativa para ser feita essa conscientização, são as dramatizações de troca de papéis, induzindo os alunos a se colocarem no lugar do outro, abrindo espaço para vivências mais tolerantes e respeitosas.

## **Método**

### **Participantes**

Os participantes foram alunos e professores dos três anos de ensino médio de duas escolas públicas, uma na periferia, chamada aqui de escola A, e outra no centro da cidade, aqui denominada escola B. O total de aluno foi 182, sendo 85 alunos da escola A e 97 alunos da escola B, na faixa etária entre 14 e 19 anos. Foram 6 professores ao todo, sendo 3 de cada escola, com idade entre 30 e 62 anos.

## **Materiais**

1. questionário aos alunos, contendo nove questões fechadas e uma aberta, abordando o conhecimento, as experiências e as reações frente ao *bullying*.
2. questionário aos professores com seis questões fechadas e uma aberta, tratando sobre as ocorrências do *bullying* em sala de aula e as intervenções, quando ocorreram, que foram tomadas.

## **Procedimentos**

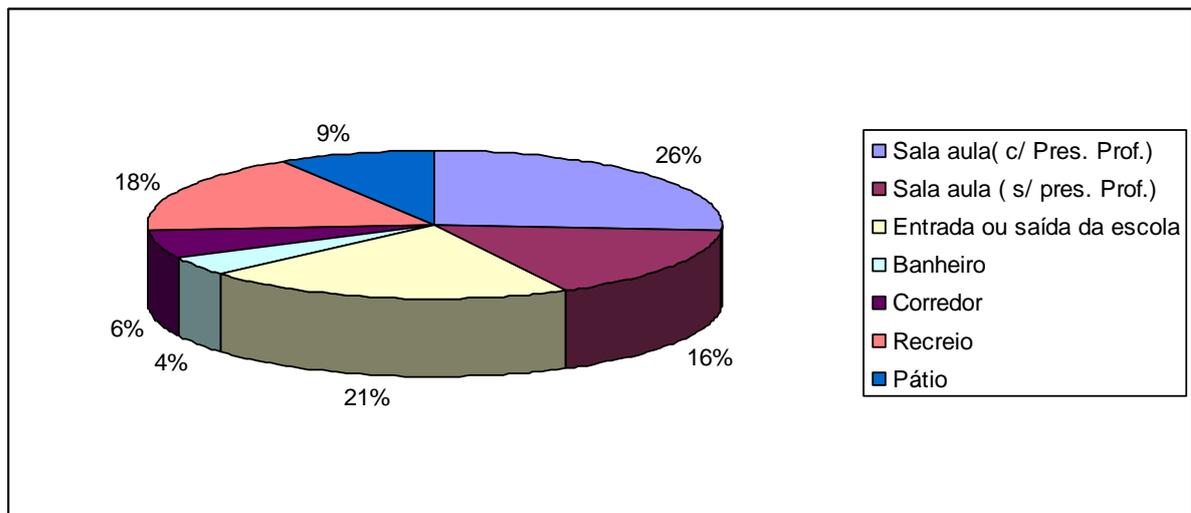
Para a coleta, primeiramente, obteve-se a aprovação das direções dessas escolas, que foram informadas previamente a respeito dos objetivos da pesquisa e da garantia da privacidade dos participantes.

A coleta de dados ocorreu de forma coletiva, sendo aplicada a todos os alunos de uma classe. Simultaneamente, também se aplicava o questionário ao professor presente. A coleta de dados teve a duração de vinte a trinta minutos. Sendo necessário um total de cinco visitas nas duas escolas para a conclusão das aplicações.

## **Resultados e discussão**

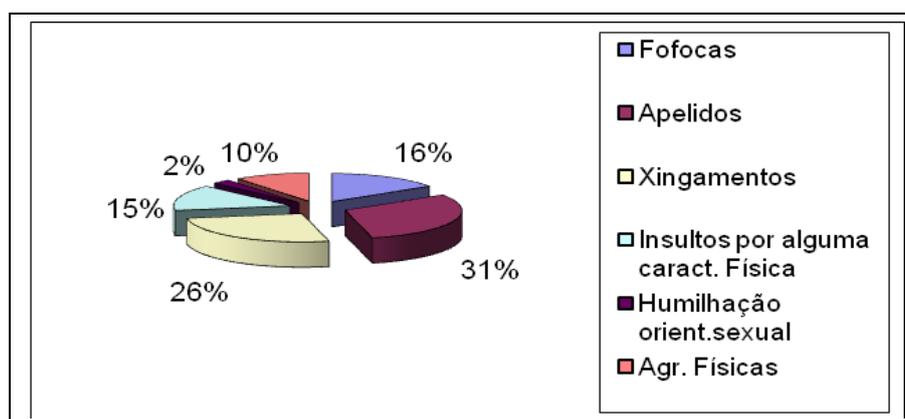
Inicialmente, a pesquisa apurou uma alta taxa de conhecimento, de 95%, entre os alunos a respeito do que o temor *bullying* representa. O que sugere que o assunto não é novo para eles. Todos os alunos afirmaram ter presenciado alguma cena de violência acometida no espaço escolar. A respeito dos locais de ocorrência, os resultados apontam que 26% dos alunos já presenciaram a cena de *bullying* na sala de aula com a presença de professor e 21% já presenciaram a cena na entrada ou saída da escola. Maiores detalhes podem ser visualizados no gráfico 1.

Gráfico 1 – Local da escola onde o *bullying* foi presenciado



Apurou-se que as principais manifestações de *bullying* que ocorrem em sala de aula são: imposição de apelidos, seguida de xingamentos. Conforme pode ser visualizado no gráfico 3, aferiu-se que 31% dos alunos presenciaram apelidos, 26% xingamentos, enquanto que 10% presenciaram agressão física. Não obstante o tipo de agressão ocorrida, todos os alunos relataram que os professores presentes na sala não interromperam suas aulas.

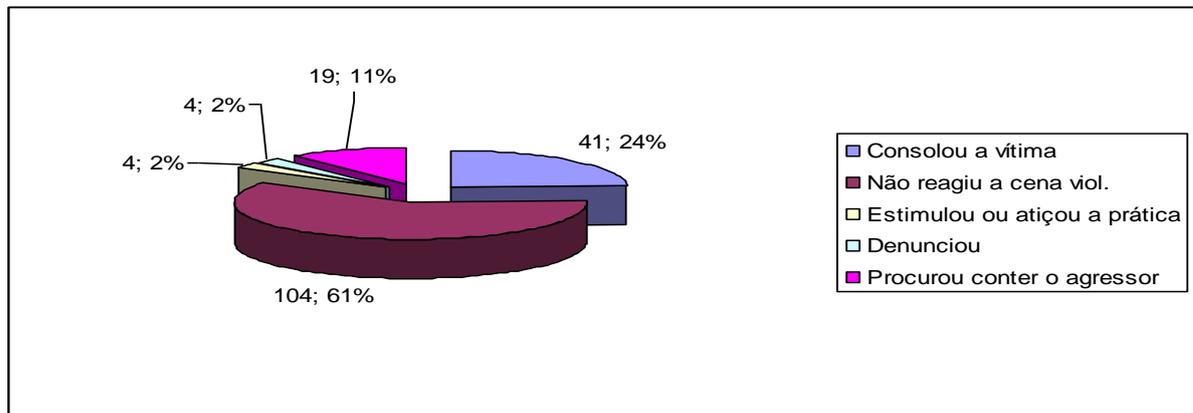
Gráfico 2 – Tipo de agressão presenciada



A respeito do papel desempenhado nas situações de *bullying*, levantou-se que 3% dos alunos investigados declararam ter sido alguma vez agressores, 10% declararam terem sido vítimas e 87% estiveram na condição somente de espectadores. Quanto à reação destes últimos apurou-se que a maioria se manteve neutra no momento da

ocorrência, abstendo-se de intervir. Após o ocorrido, muitos relataram tomar alguma providência. Maiores detalhes podem ser visualizados no gráfico 3.

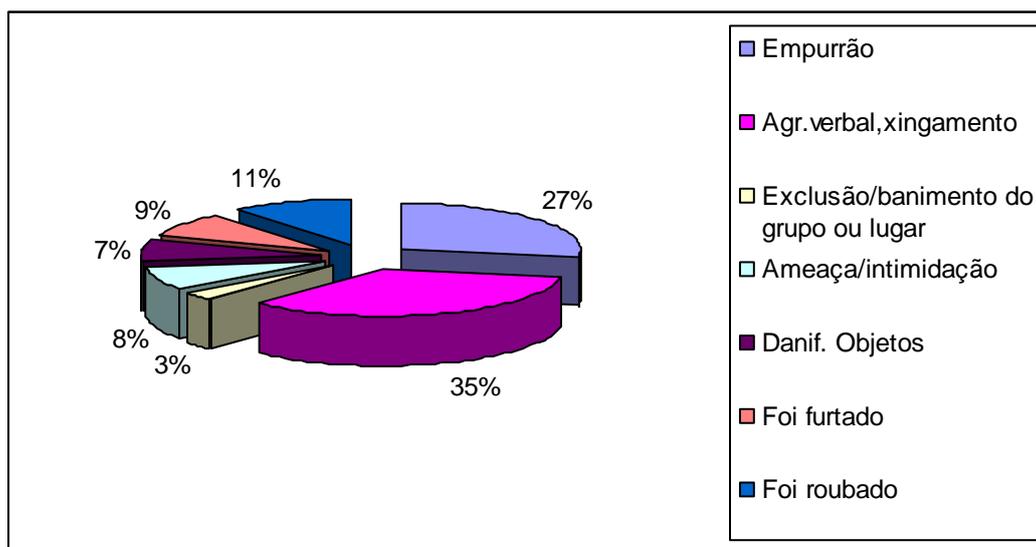
Gráfico 3 – Comportamento do espectador



O baixo índice de denunciadores, conforme mostrado no gráfico acima, pode se apresentar como uma das razões das reincidências do *bullying*, considerando que a denúncia à equipe escolar seria um fator dissuasório do comportamento agressor.

Dentre os alunos que sofreram violência no espaço escolar, os resultados quanto aos tipos de violência são: 35% de agressão verbal e xingamento, 27% de empurrões, 11% de roubos e 3% de exclusão do grupo. O gráfico 4 detalha melhor este aspecto.

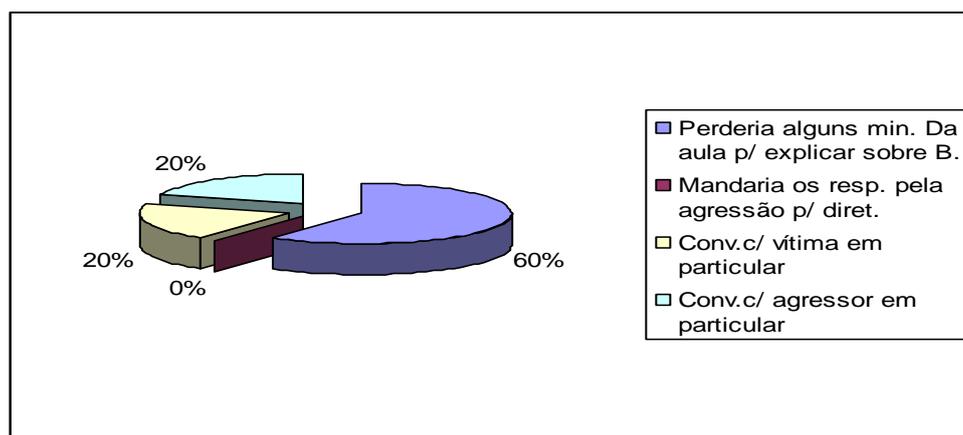
Gráfico 4 – Tipos de violência sofrida



Quanto aos resultados dos dados coletados entre os professores, levantou-se que metade deles já presenciou alguma cena de violência escolar caracterizada como *bullying* e 80% dos professores pesquisados afirmaram ter abordado o assunto *bullying* em suas aulas. A percepção dos professores sobre quais seriam as causas do *bullying* remete a questões de baixa autoestima, má influência dos colegas, faltas de limites e punições.

No gráfico abaixo os resultados apontam que os professores dispensariam alguns minutos de suas aulas para tratar do *bullying* com toda a turma se algum episódio de violência ocorresse em sua presença. Nota-se aqui um dado que contradiz aquele trazido pelos alunos. Outros comportamentos adotados pelos professores nestas circunstâncias são visualizáveis no gráfico 5.

Gráfico 5 - Intervenção docente anunciada se uma cena de *bullying* acontecesse em sua aula



Os resultados dessa pesquisa mostram que, em geral, o *bullying* não tem sido efetivamente combatido nas escolas. Dado que alunos e professores informam ter consciência de sua larga ocorrência, presume-se que o *bullying* não tem recebido a devida atenção. Talvez falte aos alunos e à equipe escolar uma conscientização maior dos malefícios causados, tanto no presente, em termos de transtornos psicossociais, queda no rendimento escolar e outros, como no futuro, em que o sujeito vitimizado pode levar um sofrimento causado pelo *bullying* por anos ou décadas de sua vida.

Silva (2010) aponta que o professor mantém uma observação privilegiada dos alunos, por isso são imprescindíveis para a detecção da prática do *bullying* entre adolescentes e jovens. Porém, por falta de preparo no assunto e por todas as outras demandas que recaem sobre o trabalho docente, já bastante acumulado e

sobrecarregado, muitas vezes, nem o devido reconhecimento do *bullying* é feito, ou seja, ele não chega nem a ser diagnosticado.

Além disso, uma relação de respeito e confiança entre professores e alunos poderia contribuir como um canal de ajuda às vítimas de *bullying*. Entretanto, sabe-se do atual desgaste que acomete a relação professor-aluno nas escolas públicas e o recorrente desrespeito sofrido pelo professor, muitas vezes por parte de seus próprios alunos, fazendo com que não exista um verdadeiro reconhecimento da autoridade do professor, como alguém que realmente possa fazer algo para parar a ocorrência do *bullying*. Para embasar este raciocínio deve-se considerar o baixíssimo índice de denúncias de *bullying* a seus professores. Os dados levantados apontam que somente 2% dos alunos que presenciaram ocorrências de *bullying* chegaram a comunicar o fato a seus professores.

Com os resultados da pesquisa aferiu-se que o *bullying* é um problema que acontece nas duas escolas investigadas, sendo que há um desconhecimento por parte do corpo docente de como especificamente ele ocorre, ou seja, de que forma, em quais momentos, quem são as principais vítimas, etc. Este conhecimento seria fundamental para um plano de ação de combate ao *bullying*, pois qualquer intervenção na realidade tem como base um profundo conhecimento da mesma.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa objetivou levantar a ocorrência do *bullying* em escolas públicas de ensino médio no estado de São Paulo. Verificou-se que há a percepção por parte dos alunos dessas escolas de uma significativa e larga ocorrência. Igualmente, constatou-se uma relativa falta de consciência e falta de ação por parte da equipe docente frente a esta ocorrência.

Os resultados da pesquisa podem alertar e orientar alunos, equipe escolar e comunidade a respeito da problemática do *bullying*. Partindo da conceituação e caracterização do termo, a pesquisa chama a atenção para a larga ocorrência do *bullying* nas escolas, buscando assim, conscientizar a todos sobre este problema. Dado que a maioria das agressões ocorrem dentro da sala de aula com a presença do professor, pode-se dizer que, em geral, os professores estão falhando ou na identificação do problema, ou na avaliação do mesmo, subestimando-o, ou na incapacidade de reagir ao mesmo.

Uma das limitações da pesquisa foi basear-se unicamente em informações autodeclaradas, tanto de alunos como de professores, sem que pudesse ter sido feito um acompanhamento em campo da realidade concreta que poderia ser observada. Assim, um bom mapeamento da problemática do *bullying* no ambiente escolar deveria contar também com uma observação participante, em uma pesquisa de natureza etnográfica.

## **Referências**

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do Bullying ao Preconceito: os desafios da barbárie à Educação. **Psicologia & Sociedade**, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 16-32, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822008000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- ARAÚJO, L. S et al. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 2, p. 243-251, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n2/v17n2a08.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
- BINSFELD, A. R., LISBOA, C. S. M. Bullying: um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. **Interpersona**, v. 4, n. 1, p. 74-105, 2010.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sóciohistórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.bvs-psi.org.br/>>. Acesso em: 30 set. 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB Lei N° 9394/96**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 29 mar. 2013.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ECCLES, J. S. et al. Parents, Peers, and Problem Behavior: A Longitudinal Investigation of the Impact of Relationship Perceptions and Characteristics on the Development of Adolescent Problem Behavior. **Developmental Psychology**, v. 41, n. 2, p. 401-413, mar. 2005.
- ENDERLE, C. **Psicologia da Adolescência**: uma abordagem pluridimensional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**. Campinas: Verus, 2005.

LAMB, G. Columbine High School, **The New York Times**, Denver, 17 april 2008. Times Topics. Disponível em: <[http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/c/columbine\\_high\\_school/index.html](http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/c/columbine_high_school/index.html)>. Acesso em: 8 jun. 2012.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação de Profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, p. 239-276, dez. 1999.

LOPES NETO, A. A. Bullying - Comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr**, Rio de Janeiro, Série 5, n. 81, p. 164-172, 2005, Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 19 jan. 2013.

LOPES NETO, A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MICHAELIS. **Minidicionário Inglês e Português**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

MONTAGNINI, M. L; SUANNO, M. L. Formação Pedagógica de Professores Universitários: ressignificação da atuação docente. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R. (Org.). **Didática e escola em uma sociedade complexa**. Goiânia: CEPED, 2011. p. 175-188.

NETTO, C. G. As causas e consequências do bullying. **Jornal da Unicamp**, Campinas, Ano XXIII, n. 431, p. 11, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/junho2009/ju431pdf/Pag11.pdf](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2009/ju431pdf/Pag11.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2012.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. London: Blackwell, 1993.

ORPINAS, P.; HORNE, A. **Bullying prevention: creating a positive school climate and developing social competence**. Washington: APA, 2006.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas Bullying**. São Paulo: Fontanar, 2010.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

WELLINGTON Menezes era vítima de 'bullying' nos tempos da escola, **O Globo**, São Paulo, 8 abr. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/wellington-menezes-era-vitima-de-bullying-nos-tempos-da-escola-2798927>>. Acesso em: 10 abr. 2012.